

Blumenau

em Cadernos

TOMO IV — JULHO 1961 — Nº 7

CORTINADOS —

REPOSTEIROS?

CASA WILLY SIEVERT S/A COM.

RUA 15 DE NOVEMBRO, 1526

— BLUMENAU —

A casa com

- ★ A MAIOR EXPOSIÇÃO —
- ★ O MELHOR SORTIMENTO —
- ★ A MAIOR VARIEDADE !

— Reposteiros — Brocados de sêda —

Cortinas de nylon — Cortinas rendão.

TAPETES

de lã, chinila e bouglê, em atraentes e modernos desenhos

TECIDOS

dos mais elegantes, adquiridos em grande escala das melhores fábricas do país. Sempre novidades, tais como: Casca de linho, de cana e de árvore; chifon cristal; Panamaflock; Surrah; Cri-lom; Escala de Ouro; Ráfia; lãs lisas e estampadas.

CRISTAIS HERING E PORCELANAS SCHMIDT:

A mais completa exposição nesta praça, por preços abaixo das tabelas das fábricas.

BRINQUEDOS — CARRINHOS PARA CRIANÇAS

RÁDIOS e ORQUESTROLAS Siemens e Canadian — DISCOS —
ACORDEONS Todeschini e Hering —
Instrumentos de música em geral.

PREÇOS: — Os mais baratos da praça!

BLUMENAU em CADERNOS

Tomo IV | JULHO DE 1961 | N.º 7

Apontamentos de Júlio Baumgarten

Com os imigrantes chegados a Blumenau em 1853, três anos, portanto, após a fundação, veio Júlio Baumgarten que se constituiria no tronco brasileiro de numerosa família, cujos membros se acham espalhados por vários Estados. Foi o pai de Hermann Baumgarten, o fundador da imprensa blumenauense, com a criação do "Blumenauer Zeitung", jornal que os seus descendentes orientaram por mais de 50 anos, e que só desapareceu quando dos óbices, opostos aos órgãos de imprensa redigidos em língua estrangeira, nos anos da última grande guerra. Conforme se verá de correspondência, que foi posta à nossa disposição por sua filha, Jutti Baumgarten, ainda viva, Júlio, pela sua dedicação ao fundador, pelo auxílio que lhe prestou e pelo seu exemplar comportamento na colônia, mereceu do Dr. Blumenau as mais lisongueiras referências feitas em cartas a seu pai, Hermann Baumgarten, alto dignatário da igreja evangélica em Brunsvíque, na Alemanha, cidade cujo nome Júlio deu à propriedade, no nascente povoado, à margem do Garcia. Em edições próximas, publicaremos algumas cartas do Dr. Blumenau ao pai de Júlio e dêste ao seu pai, na Alemanha, que contêm matéria de grande interesse para o conhecimento de Blumenau nos primórdios de sua colonização.

Publicamos, hoje, apenas estes "Apontamentos" que, embora não façam menção de fatos e de homens daquela época, constituem um precioso subsídio ao pesquisador do passado da nossa cidade, do pensamento que presidiu aos planos do fundador e aos propósitos que o orientaram na criação da colônia, o pequeno núcleo de que se irradiou toda a civilização do Vale do Itajaí, transformando-o numa das mais ricas, prósperas e originais regiões do país.

Júlio Baumgarten escreveu êsses apontamentos no evidente propósito de ajudar o fundador, de solidarizar-se com êle nos seus esforços e preocupações, de chamar elementos da velha pátria, de desfazer boatos e intrigas de gente interessada em desviar a corrente emigratória alemã para a América do Norte. A figura de Júlio Baumgarten, por motivos que o historiador pode, hoje, apontar entre os que orientaram correntes antagônicas, lideradas pelos dois órgãos tradicionais da imprensa blumenauense, nascidos com o município e que lhe acompanharam a trajetória por meio século, não tem tido a rememoração que merece pelos serviços que prestou à colônia, no seu nascimento. É tempo de se lhe fazer justiça. Como se verá da sua correspondência, que publicaremos oportunamente, êle foi um entusiasta de Blumenau, um amigo sincero e desinteressado do fundador. Uma figura, enfim, que, pelas suas benemerências, merece lhe seja cultuada a memória.

Colônia Blumenau, 1.º de abril de 1854.

Nós chegamos, em junho de 1853, com o brigue sueco "Witens", depois de uma agradável viagem de

57 dias, ao porto de São Francisco, vindos de Hamburgo.

A travessia, embora não tenha grandes atrativos para o simples emigrante, pois, para êste, não re-

presenta mais que o caminho para um futuro melhor, possui muita coisa interessante, principalmente para aquêles que amam as belezas naturais.

De noite, o mar com milhões de estrelinhas falcando em torrentes de fosforescências; o nascer e o pôr do sol, que pincela as nuvens com os mais puros e brilhantes coloridos do arco-iris; o céu noturno sem nuvens, com o seu manto pontilhado de astros coruscantes, deslumbram e enfeitçam o alemão, que nunca viu coisas semelhantes na sua pátria e até mesmo encantam os seres menos sensíveis. Isso são deleites comuns numa viagem oceânica para o sul e são, no fundo, causa, também para alguns dissabores. Além disso, os que emigram, transportados pelos navios dos senhores Christian & Mathias Schroeder, de Hamburgo, dispõem de excelente tratamento e os seus comandantes são gente muito amável.

No nosso navio, as duas coisas se reuniram e como não houvesse muitos passageiros, tínhamos bastante lugar no convés, de forma que, além dos enjôos naturais, não tivemos nenhuma doença de importância.

A nossa alegria foi grande quando pudemos distinguir, na penumbra distante, emergirem as montanhas da nossa nova pátria e o ranger, depois de demorado sono, das correntes das âncoras da embarcação chegarem aos nossos ouvidos como uma melodia acariante.

Já de longe, das praias, saudavam-nos os brasileiros ali residentes e, antes mesmo que disso nos acordássemos, o navio lançava ferros, às 7 horas, diante do pôrto de São Francisco.

Essa cidade situa-se em grande parte, numa bonita abra, formada por um braço de mar que contorna extensão de mata, assim transformada em ilha. A localidade conta com uma população de mil almas que se compõe de brasileiros, negros e mulatos e alguns alemães. De longe, êsse pequeno lugar oferece um belo aspecto, com o seu modesto casario branco, refletindo-se no espelho brilhante das águas do pôrto. Ao fundo da cidade, ergue-se um alto morro, coberto de vegetação e de magestosas palmei-

ras e que, no conjunto, forma um quadro bem poético.

Dá-se o desencanto quando se chega à cidade com as suas casas mal cuidadas, as ruas não menos abandonadas, que em tempo haviam sido calçadas, mas que, agora, esburacadas, iam sendo invadidas pelo capim, no qual pastavam cavalos, mulas, cães, cabras, galinhas e patos, numa colorida confusão.

As principais occupações dos moradores são o comércio e a navegação; sòmente poucos brasileiros e alemães se dedicam à agricultura.

Uma nova casa-de-pasto, alemã, serve, da melhor maneira possível, os recém-chegados.

Daqui, prossegue a viagem por mais algumas horas, pelo braço de mar acima, pelo qual nós seguimos, embarcados em botes, para a Colônia alemã Dona Francisca, situada à margem de um pequeno riacho.

A primeira impressão que tive da colônia foi, mais ou menos, favorável; depois que eu vi as coisas de perto, já não me senti bem ali. Os muitos desocupados, de que a gente se vê cercado, constantemente, e que procuram convencer-nos de que devemos permanecer ali, não formam opinião favorável à colônia. Além disso, tornou-se-me muito incômoda a insistência com que a direção da colônia procurava prender-nos e, quando, depois, assentamos definitivamente, que ali não ficaríamos, não se dignavam, nem mesmo, de nos fazer um cumprimento.

Essas e outras circunstâncias compeliram uma parte do nosso grupo a tomar outro navio e continuar a viagem para a colônia alemã de Blumenau.

Depois de uma pouco agradável viagem de três dias, chegamos à pequena vila de Itajaí, situada na embocadura do grande rio Itajaí no oceano, e ali tivemos a satisfação de encontrar patricios nossos, entre os quais se achava o dr. Blumenau. A cordialidade da maioria dos alemães, ali residentes, a efusiva e calorosa recepção que nos foi feita, levantaram-nos o ânimo abatido pela longa viagem através o oceano.

Dali para a Colônia Blumenau, a viagem é altamente interessante.

Em pequenos navios costeiros, botes e canoas, segue-se pelo Itajaí acima, largo de 200 a 300 passos, de águas calmas e profundas, por umas oito milhas alemãs.

Esse rio, verdadeiramente lindo, o mais importante da província de Santa Catarina, forma um vale romântico que se estende por vastas planícies limitadas por morros longínquos; surgem, de quando em quando, ilhas rochosas, cobertas de vegetação baixa, de musgos e

fetos, entremeados de algumas árvores mais altas. As suas margens, na maior parte já desmatadas, são habitadas por brasileiros e alemães, que aí construíram os seus ranchos, morando uns próximos aos outros, em harmonia, formando assim um verdadeiro paraíso e que com mãos incansáveis aproveitam a maravilhosa uberdade do solo, a brandura do clima para construir, para si e para os filhos, um futuro despreocupado.



Júlio Baumgarten, filho do pastor graduado, Carlos Baumgarten, (23-4-1799 — 8-9-1855) nasceu a 23 de Fevereiro de 1832, na Alemanha, tendo falecido em Blumenau a 21 de junho de 1893. Veio, para o Brasil, no começo de 1853, em companhia do dr. Blumenau, quando este, tendo obtido um empréstimo do governo imperial, fôra à sua pátria fazer propaganda da sua colônia e adquirir o maquinário para um engenho de açúcar, e sementes e mudas de árvores e flôres. Em Blumenau, casou-se, em primeiras núpcias, com Margaret Wagner, que contava, apenas, 15 anos de idade e era filha de Peter Wagner, um dos pioneiros da colonização do Vale do Itajaí. Dêsse matrimônio, resultaram três filhos: Hermann, Inês e Júlio. Dona Margaret faleceu em consequência dêste último parto. Júlio, contratou novas núpcias com Augusta Rischbieter e dela teve mais seis filhos. Constituiu-se, assim, tronco de numerosa família, hoje espalhada por vários Estados brasileiros. Júlio Baumgarten foi um dedicado auxiliar do dr. Blumenau, a quem votava verdadeira admiração e respeito. Foi, por muitos anos, delegado de polícia e juiz de paz da colônia, tendo, nesse posto, prestado bons serviços à causa da ordem e disciplina que sempre reinaram na colônia. O primogênito de Júlio Baumgarten, Herman, com a publi-

cação do "Blumenauer Zeitung", em 1881, exatamente no primeiro dia do ano, tornou-se o fundador da imprensa blumenauense. Júlio Baumgarten deixou uma série de cartas, dirigidas a seu pai, na Europa, algumas das quais teremos oportunidade de trazer para as páginas dêste periódico. Seu pai também se correspondia, frequentemente, com o dr. Blumenau que, por sua vez, lhe mandava constantes notícias sobre a colônia e sobre Júlio.

Os ranchos, sombreados por laranjais e limoeiros carregados de frutos dourados, traduziam a simplicidade e o contentamento dos seus habitantes; as grandes pastagens em derredor, fornecem alimento farto a cavalos, bois e vacas; as roças estão cobertas de cana de açúcar e de milho. Pouco a pouco, o solo torna-se mais luxuriante e as moradas dos alemães mais juntas desde que os brasileiros, pouco afeitos aos trabalhos agrícolas, preferem deixar

o lugar em que seus pais moraram, para subir sempre mais o rio, para formarem novas posses em terras virgens.

No que concerne à colônia Blumenau, ela foi fundada há dois anos e já apresenta um desenvolvimento tal, que dá alegria de se ver o que os colonos, em tão pouco tempo, já realizaram. Um que outro até já vende batatas, feijão e milho que, neste chão, produzem admiravelmente.

Ainda que o número dêses colo-

nós seja ainda pequeno, se a colonização prosseguir, mesmo devagar, a colônia certamente terá um futuro bom e firme, pois, uma colônia que se desenvolva sem muita pressa, tem, em si mesma, uma base sólida, pois pode-se cuidar melhor de cada um e ajudar melhor com conselhos ditados pela prática, e prevenir os estranhos de erros e falhas, sem o que, certamente, nêles incidiriam com facilidade.

Isso foi feito aqui, na nossa colônia; por meio de velhos almães práticos, o dr. Blumenau fez com que todos os recém-chegados aprendessem bem os métodos, aqui usados, de trabalho e de cultivo do solo, de forma que a primeira colheita já fôsse produtiva.

Infelizmente, esse método não foi adotado na nossa vizinha colônia D. Francisca, de forma que, ainda hoje, muitos colonos não sabem como e quando plantar, donde provém insucessos nas colheitas, sendo essa a causa principal a que se deva atribuir que tantos colonos deixem aquela colônia e que outros a deixariam se conseguissem vender os seus lotes.

Assim, nesse ponto, eu posso, também, em são testemunho, recomendar a colônia Blumenau. Quem fôr trabalhador, persistente e honesto, pode tomar, com confiança, o bordão e marchar para o futuro sem preocupações, sem temores. O preguiçoso e relaxado, que para aqui venha com idéias de levar uma vida de vadio, ao contrário, que fique por lá, pois o seu destino será bem desgraçado e o Brasil ainda não conhece e nem precisa de abrigos de indigentes.

E como esclarecimento a propósito dos ofícios que melhor correspondam ao meio, devo dizer que o de agricultor é o preferível; a sua existência aqui será como a de todos os novos imigrantes nos primeiros anos, isto é, uma vida cheia de canseiras e de trabalho. Aqui, também, todo começo é difícil e as roças não desabrocham senão entre espinhos. Os estômagos alemães se ressentem, especialmente, da falta de pão, manteiga e carne, pois, aqui, isso tudo deve ser substituído pela nem sempre boa carne-seca, pelos bolinhos, pelo pirão de farinha de mandioca e pelo feijão preto.

Depois de meio ano, tudo irá melhor. As verduras estarão em condições de serem aproveitadas, as batatas serão colhidas e haverá milho para as galinhas que fornecerão ovos em abundância para a casa. A aclimatação já estará consumada, a vida da Alemanha esquecida e o homem sensato, que não esteja muito pegado aos costumes alemães, sentir-se-á bem e satisfeito aqui na sua nova pátria. Assim, o tempo de aperturas é curto. E onde, no mundo, o colono novo não encontraria êsses e até maiores tropeços?

Existem ainda aqui, à disposição dos agricultores, enormes extensões de florestas das melhores terras, cotadas por preço que varia segundo a fertilidade e a situação. O morgue de puro mato custa 2 a 4 mil réis, equivalente o mil réis a 25 "Silbergroschën" e há ainda terra bastante boa e bem situada, que espera, apenas, o braço trabalhador para fazê-la frutificar.

Existem também lotes já formados à venda, cujo preço depende do tamanho da área, a quantidade e qualidade das plantações, quantas construções neles existam, se há engenhos de açúcar ou de farinha, quantidade de gado, etc. Um lote bem aparelhado, pois, só poderá ser adquirido por colono abastado.

As principais culturas são as de cana de açúcar e de mandioca.

O tempo mais próprio para o plantio da cana é em fevereiro, nas roças derrubadas em outubro a dezembro. O espaçamento entre as filas, que deve ser grande porque, crescendo, a cana ocupa muito lugar, deve ser plantado com feijão e batatas, gêneros que deverão compensar as despesas da derrubada, da queima e da limpeza das roças.

A limpeza da roça não é, afinal, coisa tão dificultosa como se pensa na Alemanha. Os caules e ramos menores, que o fogo não consumiu, são transportados para casa, para lenha, e os troncos maiores ficam no chão até que apodreçam ou que o colono os rache para alimentar o fogo sob as caldeiras de açúcar e os alambiques de cachaça.

Depois de dezoito meses, a cana estará madura. Corta-se-a bem junto ao solo, espreme-se o caldo que será transformado em açúcar e cachaça. Depois da colheita, as

folhas secas que ficaram no chão, serão queimadas e as touceiras voltarão a brotar e, depois de um ano, fornecerão outra colheita.

Assim, de uma só plantação, pode-se fazer de 3 até 5 colheitas compensadoras, se se tiver o cuidado de trazer a terra sempre limpa das ervas daninhas. A mór parte dos agricultores contenta-se, em geral, com duas colheitas, substituindo a plantação por pastos, pois à proporção que cresce, anualmente, a abundância, aumenta o número de cabeças de gado.

Planta-se também, muita mandioca, visto como a farinha é o nosso substituto para o pão e o alimento principal dos brasileiros, e, por isso, comumente tem bom preço, sendo rendosa a sua cultura. Ela cresce bem nos morros, o que torna conveniente que cada colônia seja um pouco montanhosa. Feijão e batatas são plantados em agosto e setembro, fevereiro e março. Depois de 3 e meio a 4 meses estão maduros e dão duas colheitas por ano. A batata até pode ser produzida três vezes por ano, no mesmo terreno.

Uma raiz muito saborosa e grandemente cultivada é o aipim, uma planta semelhante à mandioca que, depois de um ano produz tal quantidade de tuberculos gostosos e farinhentos que uma única planta pode fornecer prato para seis pessoas.

O milho dá abundantemente. É plantado de julho a janeiro e serve de alimento para os cavalos, bois, porcos e aves domésticas. Está se intensificando a sua cultura, de dia para dia, pois tem-se a certeza de que, no máximo em seis meses, teremos um moinho movido à água.

A cultura do tabaco, com o tempo, promete ser lucrativa para os colonos mais pobres, pois as experiências que já foram e ainda estão sendo feitas, deram magníficos resultados. Produz, o tabaco, folhas largas e compridas que, convenientemente tratadas e depois do tempo previsto, oferecem agradável sabor. Os colonos plantam, eles mesmos, todo o tabaco que fumam.

O café também é muito cultivado; após três anos, já produz grãos bem graúdos e saborosos.

Eu poderia, assim, citar muitas outras culturas que poderiam fa-

zer-se com o progresso da colonização, como a plantação do arroz e da mamona, que certamente florescerão quando tiver engenheiros para beneficiá-los. A última, principalmente, uma vez plantada, torna-se nativa, crescendo como mato. Fornece um bom óleo para iluminação.

Quanto aos artesãos, os construtores de moinhos, os carpinteiros, os ferreiros, sapateiros e alfalates poderão contar com bom ganho, pois são os mais procurados, em virtude de aqui existir apenas pequeno número deles e o seu trabalho é o que é melhor pago. Marceneiros farão também bom negócio, porém destes há aqui número suficiente para o trabalho que existe. Com o tempo, quando a colônia crescer e vierem mais alemães e os colonos tiverem mais algumas posses, eles poderão também montar as suas oficinas na certeza de sucesso.

A mesma coisa pode se dizer a respeito dos açougueiros, dos torneiros e dos segeiros. Se esses profissionais forem hábeis no serviço, poderão, naturalmente, ganhar melhor do que simples agricultores. Deve-se, porém aconselhá-los a que se munam de todas as ferramentas em boa quantidade porque estas, aqui, além de caras, são de má qualidade. O ferreiro que não esqueça a sua bigorna; o sapateiro traga couro alemão; o alfaiate que traga agulhas, linhas, sedas e botões em grande quantidade.

O trabalhador braçal que ainda seja robusto e forte, mas que não tenha dinheiro bastante para adquirir, logo de chegada, o seu lote, poderá trabalhar um ou dois anos com outros colonos e, então, com o dinheiro economizado, comprará um pequeno lote. Ele ganhará nos primeiros meses, se for ativo e dedicado, 4 a 6 mil réis por mês, com comida e cama. Depois, quando estiver enfrornado na maneira local de trabalhar, receberá 8 mil réis por mês, livres, e conheço até o caso de um rapaz, trabalhador e esperto que, já no terceiro mês da sua chegada ao Brasil, recebia 8 mil réis por mês.

Quem fôr casado e não puder, nem quizer, trabalhar de alugado, por mês, ganhará por dia 8 a 10 "groschen" de prata, livres; no verão, quando o trabalho é mais ár-

duo e os dias são maiores, 12,5 "groschen" de prata; os preguiçosos, os inhabilitados e os de má vontade têm que trabalhar pela comida e podem ainda dar-se por felizes quando encontram patrão.

Ao caçador que pense em aqui viver de caça, só posso aconselhar que fique em casa. Há, por aqui, é verdade, muita caça silvestre, mas as florestas estão cheias de brenhas, tão infestadas de cipós que é difícil perseguir algum animal. Nas armadilhas e arapucas, pega-se muita coisa.

Por fim, quero ainda salientar uma importante circunstância que diz respeito aos solteiros. Embora haja quem se ria de me ouvir aconselhar outros a que se casem, vejo-me a isso compelido pelo que julgo ser o meu dever. É melhor trazer um pouco menos de dinheiro e uma mulher, do que o contrário, porque meter-se na agricultura sem mulher é o mesmo que trabalhar inútilmente. O que êle arrancar do solo com suor e sacrifícios, desperdiçará facilmente em casa. Uma mulher dedicada é o melhor capital e quem não quiser seguir êste conselho, certamente falirá, como aconteceu com muitos jovens alemães que agora, já tarde, suspiram por uma cara metade.

Um homem, ainda que moço, que tenha bons braços e queira trabalhar, que não tenha cuidados com o seu futuro. Serviço não lhe faltará; êle e a mulher não passarão necessidades se forem econômicos e não esbanjarem o que ganham com sacrifícios.

Agora que eu anotei, por alto, aquilo de que posso dar testemunho, me darei por grandemente satisfeito se daí alguém resolver vir para esta terra. Dirijo um apêlo a todos os patrícios que tenham em mente emigrar, que disponham de bons braços e sejam dotados de vontade firme, para não se deixarem levar por conversa fiada, nem dêem ouvidos às intrigas e aos boatos que correm em Berlim, sobre os quais, nós, que, por aqui estamos com as coisas sob os olhos, não sabemos se deveremos rir ou ficar zangados e nem como qualificá-los se de estúpidos ou de loucos ou de coisa ainda pior. Muitos, talvez, sejam espalhados de boa fé, mas, infelizmente, sem se averiguar da sua veracidade e dos quais muitos

jornais também se fizeram portavozes. Não acreditem nas conversas de cervejarias e de botequins que contam coisas monstruosas que por aqui teriam sucedido.

Os animais que as florestas abrigam, são na maioria inofensivos e, quando muito, e raramente, uma onça devora um cachorro, ou um leitão, mas nunca se teve notícia de que chegasse a atacar um homem. As mordeduras de cobra são aqui tão raras, como as mordeduras de um cão danado na Alemanha.

O clima é ameno e saudável. De março a outubro é uma continuação primavera e os meses de verão são mais quentes que na Alemanha, é verdade, mas bem suportáveis e o calor é abrandado pelos ventos que regularmente sopram do mar e de terra e que tornam as noites frescas e agradáveis.

Tomem, pois, os que decidiram emigrar, do seu cajado e embarquem no navio que os conduzirá até esta nossa bela terra, sem preocupações e sem cuidados, pois a viagem em nada será mais perigosa que para a América do Norte. E saibam que as aventuras, que muita gente estúpida julga que passarei abaixo do equador, nas zonas quentes, não passam de fantasia.

Aqui, onde nenhum impôsto e nenhum preconceito pesam sobre os habitantes; onde o homem é o único a gozar dos frutos do seu trabalho; onde êle viverá em paz, sem ser incomodado pelos tristes movimentos que se operam na velha pátria, onde poderá conseguir, para si e para os seus, um futuro alegre e duradouro; aqui, na terra da serena liberdade, à cuja proteção tantos se entregam e onde o alemão trabalhador poderá empregar, eficientemente as energias que traz consigo.

Voltai-vos mais e mais para o belo e ameno sul do Brasil, onde ainda há lugar para milhões e esquecei essa tantas vezes malsinada emigração para a América do Norte, onde muitos dos nossos patrícios foram vítimas infelizes de trapaceiros e especuladores; não ficareis desiludidos e nem enganados se não puzerdes as vossas esperanças no absurdo de acreditar que, por aqui, voem pombos já assados. Para os honestos e os trabalhadores, o sul do Brasil é uma

Dona Röse Gärtner

Gertrud G-HERING

São-nos bem conhecidos muitos dos nomes dos homens que compartilharam da fundação de Blumenau e muito trabalharam pelo seu desenvolvimento.

De mulheres, porém, nenhum, ou, quando aparecem, é, simplesmente, como o de espôsas dedicadas daqueles.

Dentre algumas dessas mulheres, que conheci como pioneiras, resalta, de início, o nome da senhora Röse Gärtner, espôsa do então cônsul alemão, Victor Gärtner. Casara-se com êle em segundas núpcias e deralhe seis filhos e duas filhas.

Apesar de mãe e de dona de casa muito ativa, ela contribuiu grandemente para elevar o nível cultural de Blumenau. E não apenas como simples colaboradora, mas, principalmente, como idealizadora e concretizadora de planos nesse sentido.

Além de bastante ilustrada, era dotada de um espirito vivo, brilhante, desembaraçado, de cativante **charme** que lhe facilitavam a realização das suas aspirações e dos seus desejos.

Fôra talvez, muito mimada pelo pai viúvo, o sr. Sametzki, e depois pelo marido, que lhe dava ampla liberdade.

Quando moça, fôra uma excelente amazona, para cuja montaria não havia porteira alta demais, que não saltasse.

As damas de suas relações submetiam-se, voluntariamente, às suas ordens e sempre se mostravam dispostas a compartilhar da representação de pequenas peças teatrais que dona Röse escolhia e ensaiava.

Naturalmente, não havia ainda palco, na colônia, mas fôra improvisado um na casa do sr. Reinhard. Era um casa pequena como as muitas que, então, existiam em Blumenau. Mas, com boa vontade, tudo se arranjou. (Essa casa ficava no local em que hoje está o primeiro negócio do sr. Bürger).

Em 1870, quando a novel "Schutzenverein" construiu a primeira "Casa dos Atiradores", resolveu também dotá-la de um pequeno palco — naturalmente por sugestão e a pedido de Dona Röse Gärtner. Isso constituiu-se em mais um passo à frente. Já se pôde, então, representar peças maiores.

A figura feminina principal era sempre dona Röse. Ela era, realmente, uma exímia atriz. O senhor Salinger representava, quase sempre, como seu parceiro.

O Grupo Teatral estava ligado à Sociedade dos Atiradores. Mas dona Röse Gärtner não gostava de se mostrar no palco para grande público heterogêneo. Naturalmente, os sócios dos Atiradores não se



terra linda e esperançosa. Para o preguiçoso, o bêbado e o jogador será, ao contrário, terra de tristezas e de desgraças.

Termino com a esperança de que, muito logo, poderei saudar e

abraçar muitos dos nossos queridos irmãos alemães na colônia Blumenau, e com êles, trabalhar pelo bem de todos.

Júlio Baumgarten
Proprietário no Itajaí Grande.

compunham, apenas, de intelectuais, mas de todos aqueles que quizessem fazer parte da Sociedade, bastando que fôsem homens de bem, que possuíssem uma espingarda e tivessem meios com que pagar a joia e as contribuições.

Não era, por certo, coisa altruística nem louvável, que se estabelecessem discriminações entre patrícios, que viviam em terra estranha, mas dona Röse, o que temia era que as suas representações, em grande parte de peças de salão, talvez por carência de espaço, não fôsem bem compreendidas pelo público comum, que, certamente, as criticaria desfavoravelmente. A isso, ela não se sentia disposta a se submeter.

Além disso, o palco se apresentava muito pequeno e acanhado para as grandes representações e o guarda-roupas (havia apenas um, muito estreito, para damas) não tinha suficiente capacidade.

E foi assim que dona Röse Gärtner concebeu a idéia de construir um teatro apropriado.

“**Ein toller Einfall**” (um capricho maluco) murmuravam alguns sócios.

Mas dona Röse soube conquistar a maior parte dos associados.

Começou, então, a dar representações públicas, que sempre rendiam alguma coisa; organizou listas entre os das suas relações para doações espontâneas, levantou um empréstimo e, em relativamente curto prazo, estava habilitada a dar começo à obra planejada.

Primeiramente adquiriu parte do antigo lote de Meyer & Spierling, na rua das Palmeiras e começou logo com a construção do prédio, cuja planta fôra feita pelo construtor Rönnecke.

A Sociedade Teatral, que conseguiu reunir muitos sócios mais, chamou-se “Sociedade Teatral Frohsinn” (Theaterverein “Frohsinn”).

A primeira peça levada no novo teatro teve por título “**Ein toller Einfall**”.

Isso foi no ano de 1896.

Oito ou nove anos antes, dona Röse Gärtner passou pelo desgosto de perder o marido.

Ela era uma mulher corajosa e aceitou a provação sem desesperos, conformada.

Assumiu, sòzinha, a tarefa de cuidar do futuro da família, pondo, nisso, tôda a sua energia e o seu tino administrativo.

Seus três filhos mais velhos mudaram-se para outros centros, onde pudessem consolidar a sua existência e garantir o seu pão cotidiano. O quarto permaneceu ao seu lado, auxiliando-a, até mesmo depois que assumiu outras funções. Dois outros ainda frequentavam os bancos da escola, enquanto a mais moça, Edith, ainda não havia alcançado a idade escolar. A irmã mais velha, por sua vez, era adjunta da escola de primeiras letras, regida pela professora Apolônia Scheffer.

Dona Röse Gärtner continuou, enquanto pôde, com o pequeno negócio que mantinha na casa próxima à sua residência, na rua das Palmeiras e, bem assim, a agência dos pequenos vapores “Progresso” e “Blumenau”, da Companhia Fluvial.

Vejo ainda a dona Röse Gärtner, vestida com simplicidade, carregando um baúzinho de fôlha, passando pela estrada a caminho do pôr-

to quando um dos vaporzinhos, ao chegar ou sair, soltava o seu estri-dente apito. Com um curto, mas amável aceno de cabeça, ela respondia às saudações atenciosas dos transeuntes.

Apesar das responsabilidades que assumira no lar e no negócio, ela não descuidou, em nada, os seus deveres para com o teatro.

Mesmo tendo confiado a figurantes mais jovens os papéis principais, ela ainda cuidava que nada faltasse no palco, selecionava e ensaiava as peças, como profunda conhecedora que era, caracterizava os atores, servia de ponto, quando o senhor Friedenreich (que, por longos anos exerceu, gratuitamente, êsse mister) era forçado a faltar, sendo, enfim, a verdadeira alma de tudo.

Eu disse que ela era uma mulher corajosa. Isso ela provou quando, certa vez, viajou a negócios, para o interior da colônia. Enquanto ela resolvia as suas transações, o cocheiro, que guiava o carro, meteu-se numa venda e tomou respeitável **pileque**. A senhora Gärtner só deu acôrdo disso quando, de volta para casa, o cocheiro ao tomar do chicote para pôr os cavalos a andar, mal se aguentava na boléia de tão bêbado.

Dona Röse tomou-lhe as rédeas das mãos, puxou o cocheiro para o banco de trás e sentou-se na boléia, guiando os cavalos para casa.

Como ela nunca tivesse dirigido um carro, e temendo ainda que, o borracho, a cada momento pudesse cair para fora, teve que seguir a passo de entêrro e só chegou à vila à meia noite e foi até à esquina, onde morava o proprietário do carro, sr. Francisco Lungershausen.

Tirou-o da cama e entregou-lhe o carro e o conteúdo, dizendo-lhe com raiva:

— Tome! Devolvo-lhe aqui o seu belo cocheiro!

Infelizmente, dona Röse Gärtner não teve vida muito prolongada. Faleceu em 1900, de uma insidiosa moléstia do estômago.

Foi uma lamentável perda para a família, para os seus amigos e conhecidos e, principalmente, para o Teatro Frohsinn que, por bastante tempo após a sua morte, suspendeu as representações. E deixou grave problema a sua substituição na regência da sociedade.

Primeiramente assumiu essas funções a filha da fundadora, Elsa Gärtner que, além da regência desempenhava outros pequenos encargos sociais, juntamente com o senhor Salinger e sob a supervisão de dona Nanny Poethig (Hering) que, mais tarde, teve que assumir, ela própria, a regência.

Sem dúvida alguma, a morte de dona Röse foi uma perda de incalculáveis conseqüências para a Sociedade Teatral "Frohsinn", que ela fundara e orientara.

Dessa Sociedade foi que se originou, depois, a Sociedade Teatral "Carlos Gomes", cuja sede, afinal, chegou a ser construída numa época em que as representações teatrais e cinematográficas, em língua alemã, estavam proibidas.

Teve ela, assim, que se voltar para outras finalidades sociais e bem foi que a ela se tivessem reunido o Clube Musical e, mais tarde, o Conservatório "Curt Hering".

Seja, pois, lembrado, para sempre, o nome de dona Röse Gärtner e cultuada condignamente a sua memória.

Estante dos "CADERNOS"

★ "3 AMÉRICAS" — Revista de Turismo, publicação da S.A. Empresa de Viação Aérea Riograndense, VARIG — Acaba de nos chegar o n.º 17, relativo a 1961, dessa bela revista, editada em inglês, espanhol e português. A edição é quase toda dedicada ao Vale do Itajaí, trazendo interessante reportagem, ilustrada com belas fotografias a cores e em preto e branco, dados históricos e estatísticos sobre as possibilidades econômicas da região, sua agricultura e suas indústrias. As belezas que caracterizam Blumenau como uma das mais pitorescas cidades brasileiras, estão documentadas em clichês de rara nitidez e perfeição, alguns de página inteira, como o da nossa original matriz e a vista aérea da cidade.

São do pórtico desse número estas palavras: "Este número de "3 Américas" é dedicado ao Vale do Itajaí, uma das regiões mais singulares e encantadoras do Brasil — quase desconhecida, entretanto, dos próprios brasileiros. Implantado no Estado de Santa Catarina, é uma formidável usina de trabalho e de pitoresco, repleta de atrações turísticas. "3 Américas" acredita, assim, oferecer aos seus leitores uma agradável surpresa". A "Varig", com esse número de "3 Américas", prestou, sem dúvida, um grande serviço a Blumenau, a toda a região do Vale do Itajaí, merecendo que com ela nos congratulemos, que a felicitemos por essa útil e inteligente contribuição ao desenvolvimento do turismo em nossa região. Muito agradecemos o exemplar que foi enviado ao nosso arquivo.

"DIE SILBERGLOCKE VON VILA RICA", de Karl Kleine. Entre os colonos-escritores que vieram ter a Blumenau, com a fundação da nossa comuna, Kleine se destaca pelo grande número de contos e crônicas que deixou espalhados por jornais e almanaques do tempo. A "Federação dos Centros Culturais 25 de Julho", tomou a iniciativa de reproduzir, em folheto de 24 páginas, impresso na tipografia de Rotermond & Cia., de São Leopoldo, o conto "O sino de prata de Vila Rica", onde o autor narra a aventura de dois colonos em busca de um tesouro escondido em meio à floresta, guardado pelos bugres desconfiados e solertes. Kleine tem um estilo simples, claro, que prende o leitor do princípio ao fim das suas narrativas. Theo Kleine, sobrinho-neto de Karl Kleine e atualmente professor do Colégio Sinodal de São Leopoldo, ilustrou o folheto com sugestivos desenhos. É pena que a Federação dos Centros Culturais 25 de Julho não tenha levado por diante a iniciativa de divulgar os escritos dos muitos imigrantes que vieram para as colônias dos Estados sulinos e, aqui, ao mesmo tempo que trabalhavam a terra, concorriam com interessantes trabalhos para o enriquecimento de uma literatura que ainda não encontrou quem a estudasse e a analisasse devidamente. Outros trabalhos de Kleine, de Rodolfo Damm, de Ida e Georg Knoll, de Niemeyer e de tantos outros, para falar apenas dos mais antigos, mereceriam receber o destaque que foi dado ao magnífico conto que temos sob as vistas.

24.º – ALFREDO CAMPOS (1944 a 1945)

O dr Afonso Rabe foi substituído na direção do município, por outro distinto catarinense, o sr. Alfredo Campos, então alto funcionário da Empresa Fôrça e Luz Santa Catarina S/A e com apreciável soma de serviços prestados ao Estado e ao município, no desempenho de funções de confiança.

Tomou posse a 22 de janeiro de 1944.

— Prosseguiu nas obras de construção e aparelhamento do novo hospital municipal, sem descuidar dos demais setores da administração, dedicando especial carinho à instrução pública e à viação, dispensando cuidados particulares à Escola Agrícola, infelizmente agora desaparecida, ao Grupo Escolar Machado de Assis e a outros empreendimentos de destaque nas realizações dos poderes públicos municipais.

Lamentavelmente, o seu governo teve pequena duração, pois, já no fim do ano seguinte, solicitava e obtinha exoneração do cargo que muito honrou e com a continuação do qual, Blumenau só teria a lucrar da sua inteligência e operosidade.

Alfredo Campos nasceu em Florianópolis, a 7 de outubro de 1898. Fêz seus estudos no Ginásio Catarinense, findos os quais entrou para o Tesouro do Estado, como escriturário. Em 1916 foi nomeado escrivão da Coletoria Estadual de Canoinhas, sendo dali removido para Blumenau, como coletor estadual da Vila de Indaial, então sede do segundo distrito. Ali ligou-se, pelo casamento, à tradicional família de Emílio Jacobsen, prestimoso industrial e agricultor abastado da região.

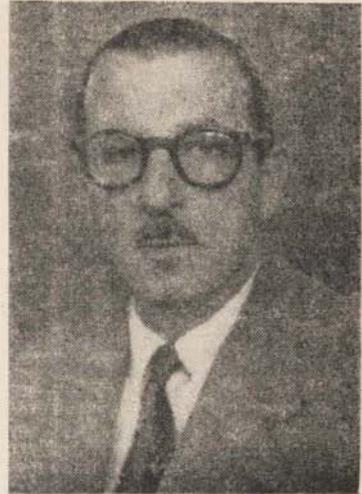
Vindo para Blumenau, continuou prestando a sua colaboração ao Fisco Estadual, passando, depois, a exercer o cargo de Escrivão do Crime, Cível e Comércio da Comarca e Tabela de Notas. Escreveu para os jornais locais. É de lamentar-se que, nessa atividade, não tenha pôsto ao serviço do jornalismo tôdas as possibilidades que lhe garantem a facilidade de redação que possui e os seus conhecimentos do vernáculo e dos preceitos de estilo.

Ingressando, mais tarde, na Empresa Fôrça e Luz Santa Catarina, é, hoje, um dos seus ilustres diretores.

Na seqüência dos nomes que dirigiram Blumenau, o de Alfredo Campos pode ser pôsto em relevo entre os que governaram com honestidade e zêlo os interesses do município .



O "KALENDER FÜR DIE DEUTSCHEN IN BRASILIEN", de 1905, publica o retrato de três blumenauenses, Traugott Lindner, Antônio Schroeder e E. Dörner, os quais, juntos, contavam 250 anos de idade. Schroeder foi um dos fundadores da "Volksverein".



Por um tiro de sal...

Christiana Decke BARRETO

A propriedade da família Berner, à rua São Paulo, ao pé do morro "Boa Vista", é uma das poucas de que se conhecem ainda os nomes de todos os proprietários anteriores.

Comprou-a do colonizador, dr. Hermann Blumenau, coberta de mata virgem, o sr. Fernando Ebert, imigrado em 1854, tronco de numerosa estirpe da nossa região e de outras do país.

Ebert, mais tarde, transferiu-a para um genro, o sr. Blomeyer de quem a adquiriu o cervejeiro Carlos Rischbieter, em 1879, tendo-a vendido ao cervejeiro Otto Berner, em 1918, a cuja viúva e filhos, parcialmente, ainda pertence, subdividida em lotes para os diversos membros da família.

A estrada principal — atual rua São Paulo — na época do acontecimento que vou narrar, não era nem rua, nem estrada, mas simplesmente um caminho que, contornando os grandes pântanos, então existentes no trajeto da atual movimentada via pública, seguia em direção à região denominada, já então, Itoupava-Sêca.

Surgindo, neste lugar, mais tarde, um vilarejo, predestinado a ser absorvido pelo centro urbano vizinho, neste caso a sede de Blumenau, foi a mesma apelidada, plagiando o nome de um bairro de Hamburgo, originado nas mesmas condições, de "Altona", o que, no dialeto hamburguês significa "perto demais", "all-zu-nah".

Na época em que se deu o fato, o rio era ainda a principal via de comunicação. A estrada, ou seja, o caminho público, em direção a Itoupava-Sêca, desviava-se então do traçado da atual rua São Paulo, passando pela colina próxima, desde o local onde, hoje, se encontram as oficinas da "Auto-Viação Catarinense", até o início, mais ou menos, da atual rua Carlos Jensen.

O sr. Ebert fizera, através de sua propriedade, um caminho que, nas duas extremidades, comunicava com o caminho público, ou oficial.

Não levou muito tempo até que os transeuntes descobrissem que a passagem por aquêlo caminho particular, encurtava a sua caminhada entre Blumenau e Itoupava-Sêca, não tendo, por isso, dúvidas em aproveitar-se do atalho.

Não concordou, entretanto, o proprietário com êste abuso, proibindo a invasão da sua propriedade.

As infrações, entretanto, continuavam, de nada adiantando as advertências e ameaças do sr. Ebert.

Êste não hesitou em recorrer a uma medida drástica para pôr côbro à insolência com que se via lesado na sua autoridade patrimonial.

No ponto onde começava o desvio para o seu terreno, onde perdera antes tanto tempo esclarecendo e admoestando os transgressores do respeito devido à propriedade alheia, êle postou-se de tocaia, com uma espingarda carregada com sal grosso.

O primeiro infrator, enveredando pelo caminho proibido, fôï alvejado com a salgada carga.

Citado o autor da proesa a comparecer à sub-delegacia da colônia Blumenau, após discussões, recriminações da parte do delegado de po-

Centenário da primeira Escola Pública

Ayres GEVAERD

Nas Efemérides Brusquenses registramos o seguinte: "30 de Julho de 1861 — Instalada a primeira Escola Pública do sexo feminino, dirigida pela professora Dona Augusta Sofia von Knorring". Cem anos são decorridos exatamente, e diante do alto significado do acontecimento, um novo e amplo registro é necessário. Examinamos os documentos da então Colônia Itajahy-Brusque existentes nos arquivos da Sociedade Amigos de Brusque e procuramos as exmas. sras. Margarida Fischer e Mathilde Ristow, atualmente com 96 e 88 anos, respectivamente, as quais, por volta de 1880, foram alunas da nossa primeira professora pública. O primeiro diretor da Colônia relatava os acontecimentos e as reivindicações que fazia junto ao Governo Provincial para que fôsem atendidas as necessidades da nova comunidade, com riqueza de detalhes, permitindo ao pesquisador de hoje ver com clareza o que então acontecia. Verificamos, mais uma vez, quanto carinho dedicou Miximiliano de Schnéeburg à sua Colônia, procurando dar-lhe o sustento físico com certa abundância através da exuberância da terra, a assistência espiritual por intermédio de igrejas e sacerdotes das confissões católica e evangélica e, finalmente, a assistência cultural, embora rude ainda, através de escolas.

A Schnéeburg cabe o mérito de ter organizado uma nova Comunidade no seio da mata virgem, imprimindo-lhe educação cívica, moral, espiritual e cultural, aliada ao espírito de ordem e trabalho peculiares às etnias que então colonizavam o vale do Itajaí.

Nos primeiros tempos, não conheciam os nossos colonizadores outro trabalho senão a derrubada e conseqüente preparação da terra que lhes daria o pão de cada dia e a possibilidade de se comunicarem, por intermédio de picadas, previamente indicadas pelo diretor e que, mais tarde, seriam aproveitadas para estradas e ruas de hoje. Não lhes era possível, depois de um trabalho dessa natureza, procurar recreações.

Aos domingos e dias santos não ouviam os sinos convidando-os para a missa ou culto. Uma veneranda senhora, há já alguns anos, contou-



lícia (provavelmente o sr. Júlio Baumgarten) e argumentos da auto-defesa do acusado, foi êste condenado, pelo encarregado da vigilância e guarda da ordem pública, a passar uns dias na cadeia.

O senhor Ebert acompanhou o soldado de polícia até o casebre de madeira, que servia de prisão, e ali arrancou, violentamente, a tranca da porta, dizendo ao soldado que se fôsse embora, pois, êle ali ficaria porque queria respeitar a decisão que lhe fôra imposta pelo representante da lei e da justiça, apesar de, no caso, divergir do seu critério particular, ou dos seus pontos-de-vista.

Assim foi que o "Tarzan" colonial ficou na cadeia e de lá só saiu quando o carcereiro foi abrir-lhe a porta que não tinha tranca nem fechadura alguma.

nos o seguinte fato: Seus familiares, estabelecidos em sítio distante da sede, achavam-se trabalhando na roça, quando viram aparecer na entrada da picada, várias pessoas, em trajes domingueiros. Com palavras um tanto repreensivas uma das senhoras perguntou porque estavam trabalhando em dia santificado, sexta feira santa! A mãe da senhora que nos relatou a ocorrência, não se conteve e desatou em prantos afirmando que, preocupados com o constante e penoso trabalho e pela responsabilidade do sustento da família esqueceram-se do tempo.

Observamos, nas estatísticas de então, o grande número de crianças que vinham nas seguidas levas com seus pais, em idade escolar e que não poderiam ficar sem o ensino, a instrução cívica e o conhecimento da história da nova Pátria. Já em 24 de Outubro de 1860, com a extraordinária visão de que era dotado, Schnéeburg dirigia-se ao presidente da Província nos seguintes termos: "Há sem dúvida uma viva urgência, cuidar na moralidade e na instrução até hoje já de 112 menores de ambos os sexos dos quais pelo menos $\frac{1}{2}$ ou $\frac{2}{3}$ perderão com a falta de sacerdote e mestres todos os bons princípios da Sociedade que tinham principiado a colher alguma instrução nas escolas donde saíram no momento da sua emigração. Tomo-me a liberdade de propôr e recomendar como instrutora completa para o sexo feminino das menores desta Colônia, uma família muito respeitável a todos os títulos que é a Sra. Condessa Maria de Buettner, viúva de honestíssimo comportamento e de quem tôdas as informações, não tendo eu a fortuna de conhecê-la pessoalmente, são excelentes". Em seguida, sugere o aproveitamento de uma casinha pertencente a Mathias Wagner, "intruso em terras públicas", depois de devidamente indenizado, para a instalação da escola para meninas, até que seja possível edificar casa própria. O local onde existiu a casa mencionada, bem como outra residência de Wagner, ficava nas imediações da cadeia pública atual. Aliás, o primeiro diretor, em vários documentos por êle mesmo escritos, indicava ao Govêrno, a instalação da futura vila ou cidade naquela região por ser livre de enchentes. No mesmo documento de 24 de Outubro, insistia o diretor, repetidas vêzes, a necessidade de um sacerdote para os colonos, servindo para "confessar, casar e enterrar". Finalmente, no dia 30 de Julho de 1861, o Govêrno Imperial determinou a instalação da escola pública feminina, atendendo aos contínuos pedidos e as necessidades da colônia.

Por circunstâncias que desconhecemos, não foi nomeada professôra a Senhora indicada pelo Barão. A escolha recaiu na Senhora Augusta Sofia, espôsa de Eduardo Sebastião von Knorring, casal que não se encontra nas relações de imigrantes, o que faz crer que o govêrno a nomeara atendendo indicação especial não originária da Colônia.

As notas que possuímos sôbre a primeira professôra de Brusque são poucas, muito poucas. Mas, através das referências em documentos, feitas por vários diretores, pelas informações das Senhoras Fischer e Ristow e pelos longos anos que aqui permaneceu, não temos dúvida que foi de uma dedicação e eficiência extraordinárias. Contudo estas notas serão completadas oportunamente, pois por correspondência, que acabamos de receber do Sr. J. Ferreira da Silva, que com tanto mérito vem publicando "Blumenau em Cadernos", sabemos que foi localizada uma neta da Sra. Knorring, fornecendo-lhe interessantes dados, inclusive fotografias.

No Relatório de 1 de Janeiro de 1862 o diretor interino João André Cogoy Junior reclamou a criação de uma escola para a sexo masculino, pois a feminina já fôra criada pelo Presidente da Província. É justo, salientou aquêlê diretor interino, dar-se aos professôres casa para a escola com cômodos suficientes para morada, pois a existente apenas serve para nela funcionar a escola por ser sômente uma adaptação provisória de uma quarta parte de um dos ranchos de recepção, sem outra capacidade, tendo a professora de morar fora, em um rancho particular que alugou.

Em Julho de 1862 o Govêrno ordenava providências para a construção da casa para a escola pública, possibilitando também moradia anexa para a professora. Em Dezembro dêsse mesmo ano o edifício estava pronto e era de "tijolos, barreada e rebocada", de acôrdo com o Relatório de 1863. Essa casa achava-se localizada no mesmo lugar em que se encontra a atual Coletoria Estadual.

O ordenado mensal da primeira professora era de 30\$000 e, além de ministrar as primeiras letras, ensinava às alunas trabalhos manuais, especialmente o crochê. Conta a Sra. Mathilde Ristow que, em virtude do elevado número de meninas que frequentavam as aulas, a professora empregava as mais velhas e capacitadas para a auxiliarem, ensinando às mais novas. Vestia-se a nossa professora com muito esmero, com penteado muito bem cuidado, o que a fazia extremamente simpática. Dona Mathilde recorda-se perfeitamente bem de sua mestra, à qual era muito dedicada. Calcula que permaneceu em Brusque, sempre como professora, de 25 a 30 anos quando, ao aposentar-se, foi morar em Blumenau, junto de sua filha única, casada com sr. Paulo Schwartzler.

Paulo Schwartzler teve também destacada atuação na vida da Colônia ao tempo da administração Dr. Luiz Betin Paes Leme. Seu nome encontra-se na Comissão que organizou a 3.^a Exposição de produtos agrícolas, exercendo as funções de tesoureiro.

O horário das aulas era das 8 ao meio dia e raramente os alunos gozavam férias. As lições eram dadas em português e alemão, dedicando a professora mais tempo a lecionar geografia, matéria que os alunos em geral muito gostavam. As festas não eram descuidadas, oportunidade em que eram cantadas as canções populares alemães. No registro da Igreja da Comunidade Evangélica, primeiro volume, encontramos um apontamento de batismo feito no dia 2 de Agôsto de 1863. A professora Knorring e diretor Schnéeburg servem de padrinhos ao menino Maximiliano A. Oscar Rieger, cujo batizado procedeu-se na Casa de Oração daquela Comunidade.

No relatório de 1 de Janeiro de 1863, correspondente ao ano de 1862, o diretor menciona o seguinte: "Pelo Sr. Presidente Inácio da Cunha Galvão, reconhecendo a necessidade de escolas numa povoação já tão crescida, foi criada uma escola para o sexo feminino, hoje regida por professora vitalícia, deixando para ocasião mais oportuna a criação de uma outra para o sexo masculino. Considero a criação desta sumamente útil e necessária e apresento a V. Excia. essa necessidade, muitas vezes pedida pelos colonos pais".

Em 7 de Julho de 1863 Schnéeburg voltava a insistir, com relação ao ensino primário na Colônia, junto ao Presidente da Província. O documento que passamos a transcrever, dispensa pormenores com rela-

ção aos primeiros educadores particulares de Brusque; êle esclarece perfeitamente a situação e condições locais: "Ilmo. e Exmo. Snr. — Cumprindo com a Ordem de Va. Excia. de data de 26 de Julho, envio junto o Mapa estatístico dos indivíduos do sexo masculino, que podem frequentar a Escola futura do ensino das primeiras Letras nesta Colônia. Separei as diversas situações povoadas por colonos que necessitam dêste ensino, e levo respeitosamente a consideração de V. Excia. que estas povoações distam entre si e da Sede da Colônia de 2 a 3 léguas, distância muito grande para uma só Escola. Essa Escola normal teria, a meu ver, sua melhor colocação no Vale do Braço do Norte do Guabiruba perto da Capela de Maria Hülff ponto quase central da Colônia e distrito com o maior número de meninos (47). Se V. Excia. achasse por bem de conceder algumas gratificações para escolas tão bem nos outros Vales, escolas provisórias regidas mesmo por colonos escolhidos, provisórias para ambos os sexos unidos, como em Petrópolis e algumas outras Colônias, serviriam à tôda mocidade da Colônia.

A Escola do sexo feminino estabelecida na Sede da Colônia poderia neste caso também ser autorizada, por enquanto, de ensinar os meninos da sede da Colônia, sendo o número deles apenas 7 (sete). Submeto junto, a petição do colono Francisco Weitgenannt, análoga com o conteúdo do presente, e a lista das assinaturas em original dos pais de família estabelecidos na D. Pedro Strasse e Bateas ao conhecimento e decisão de V. Excia. Francisco Weitgenannt, católico, ensina de fato as primeiras letras e Doutrina Cristã já há 3 meses gratuitamente a 16 a 20 meninos em sua pequena casa distante da Sede da Colônia 1 légua, sacrificando diáriamente pelo menos duas horas do seu descanso. Êle pede uma subvenção módica pelos meses passados e outra para poder continuar se V. Excia. assim julgar por bem. O colono Frederico Nitzel católico, morador no Vale do Braço do Norte da Guabiruba, muito bom colono, diligente com muito louvável progresso na sua lavoura por si e sua família bem morigerado, ensina também em todos os domingos e Dias Santos na capela de Maria Hülff ponto quase central de tôda a Colônia e da povoação deste Vale, a Doutrina Cristã por ora gratuitamente. Do mesmo modo o colono Carlos Boos presta por ora seus voluntários e gratuitos serviços da mencionada natureza aos colonos moradores na extremidade no mesmo vale do Braço do Norte do Guabiruba. Os outros Vales estão totalmente desprovidos destas necessárias instruções. Ê quanto tenho de levar ao conhecimento de V. Excia. pedindo respeitosamente de tomá-lo em benigna consideração. Deus Guarde a V. Excia. Ilmo. e Exmo. Capitão Tenente Pedro Leitão da Cunha. Dmo. Presidente da Província de Santa Catarina". Acrescentamos a seguir o número dos meninos mencionados no documento acima:

118 alunos, sendo 84 católicos e 34 protestantes.

Moram na sede: 7, na Dom Pedro Strasse - Bateas 25, na Guabiruba do Norte 47, Guabiruba Sul 23 e na Margem do Itajaí Mirim 16.

A criação da segunda escola pública, do sexo masculino, não se fez esperar, e a 22 de Abril de 1864 o Govêrno determinava sua instalação. Ocupou as funções de professor Maximiliano Borrowsky, com o ordenado mensal de 50\$000. Pelo aluguel da casa dessa nova escola a direção pagava 16\$000 por mês servindo ainda de resistência provisória ao referido professor e do Pastor Henrique Sandrescky. A mobília era emprestada,

razão porque Schnéeburg requereu do Governo 80\$000 para comprar "mobiliário vindo de fóra". Algumas notas ainda com relação a escolas particulares. Logo após a chegada do padre Alberto Gattone e do Pastor Sandrescky (1864), o número de escolas particulares chegou a 5, número que iria aumentar. Essas escolas nos primeiros anos da colônia só funcionavam, exetando uma, talvez, aos domingos e dias Santificados.

Em 1876 as estatísticas apresentavam os seguintes números:

2 escolas públicas, uma para cada sexo,

10 escolas particulares

Total de alunos: 320.

E aqui termino estas notas, modesta contribuição às comemorações do 1.º centenário da primeira escola pública de Brusque. Reverencio a memória da Sra. Augusta Sofia von Knorring, primeira professora pública de Brusque, bem como a de todos aqueles que deram aos nossos antepassados as primeiras letras. Especialmente, reverencio a memória do 1.º diretor Barão Maximiliano de Schnéeburg, que com tanta dedicação e despreendimento deu ao Brasil, no dia 4 de Agosto de 1860, uma nova Comunidade, considerando-a em seguida, imprimindo-lhe elevada educação moral e cívica.



Um estabelecimento exemplar

A Maternidade Elisabeth Koehler, ora funcionando num dos mais pitorescos locais da nossa cidade, foi fundada a 2 de setembro de 1907 quando ficou constituída, por um grupo de damas da nossa sociedade, a "Der Evangelische Frauenverein von Blumenau" (Sociedade Evangélica das Senhoras de Blumenau). Essa sociedade até 1922 funcionou em casa alugada.

Dona Joana Hering, por aquele tempo, doou à sociedade um terreno na Alameda Rio Branco, onde, a 7 de setembro desse ano, foi festivamente colocada a pedra fundamental da sede social, com a respectiva maternidade, que passou a denominar-se "Johanastift" (Fundação Joana). A 30 de setembro, do ano seguinte, 1923, a obra foi inaugurada. Pouco menos de um decênio decorrido, foi necessário proceder-se a um aumento e reforma geral do prédio que já se mostrava insuficiente para atender o grande número de clientes. Em 1932 foram inauguradas as obras de ampliação.

A "Johanastift" teve, como presidente, dona Elisabeth Koehler, espôsa de G.A. Koehler, jornalista, diretor e proprietário do "Der Urwaldsbote", órgão de imprensa que orientou, por muitos anos a vida administrativa e social de Blumenau.

Com o decorrer dos anos, já os aumentos e reformas verificadas não correspondiam a crescente procura dos excelentes serviços que a Sociedade prestava às senhoras blumenauenses, fazendo-se necessária a construção de um prédio mais amplo e mais de acôrdo com as modernas técnicas da medicina, tendo-se então resolvido a nova construção em local melhor situado.

Como uma homenagem à sua presidente de mais de 40 anos consecutivos, a nova maternidade recebeu o nome de "Elisabeth Koehler".

É uma instituição que honra Blumenau pela eficiência dos seus serviços e pelo altruísmo de sua ação.



COMO um dos atos comemorativos do primeiro centenário da sua escola pública, a Sociedade Amigos de Brusque inaugurou, em sua sede, o retrato do saudoso Frei Estanislau Schaette, insigne educador e historiador.

Canção do exílio

Não há muito, tivemos oportunidade de abrigar, nas páginas desta revista, uma excelente tradução alemã da célebre poesia de Gonçalves Dias, feita pelo conhecido escritor alemão, muito ligado ao Vale do Itajaí, sr. R. Damm.

Jorge Knoll, outro alemão que teve atuação destacada na vida de alguns municípios de Santa Catarina e que colaborou em vários jornais de Blumenau, nos primeiros lustros dêste século, também traduziu para o idioma de Goethe os belos versos do grande vate brasileiro. Para que os leitores, que conheçam os dois idiomas, possam fazer uma comparação, entre uma e outra tradução, reproduziremos, a seguir os versos de Georg Knoll:

Mein Vaterland hat Palmen
Wo singt der Sabiá;
Die Vögel die hier singen,
Sie singen nicht wie da.

Vielmehr Sterne hat der Himmel
Und die Campos Blumenpracht,
In den Wäldern giebt's mehr Leben,
Heitrer dort die Sonne lacht.

In Nachtesdunkel so allein,
Wie traumverschieden da
Im Schatten einer Palme,
Wo singt der Sabiá.

Mein lieb Brasil hat Früchte
Die fehl'n im kalten Nord.
Ich bin hier so alleine,
Ach Gott! wär ich nur dort!

Mein Vaterland hat Palmen,
Wo singt der Sabiá;
Ach Gott! las mich nur sterben
Ohn' dass der Heimath nah

Den Sabiá zu hören,
Der singt im Palmenhain,
Wo enstens ich geboren
Möcht sterbend ich auch sein.

ABRIL DE 1961

4 — O projeto do executivo municipal, de empréstimo de 150 milhões de cruzeiros para a concretização de obras necessárias ao progresso da comuna, foi aprovado pelo legislativo. Segundo o jornal "Gazeta", da capital, o relatório do nosso prefeito foi o primeiro a ser recebido pelo Serviço Nacional de Assistência aos Municípios, atendendo ao telegrama expedido por essa instância aos 2.871 municípios brasileiros.

8 — É publicado pela imprensa, em série, o discurso proferido pelo dr. Egon Stein, no Lions Clube de Blumenau "abordando o debatido problema das estradas", no qual, com os seus dez anos de prática, o orador é competência.

— Os jornais noticiam o falecimento, no Rio de Janeiro, de um ilustre filho de Santa Catarina, natural de Jaraguá do Sul, o economista e jornalista Herbert Koch, diplomata extra-quadros até 1939 e que exercia, ultimamente o cargo de Secretário do Conselho Nacional de Economia.

13 — Passam a vigorar as novas tarifas telefônicas para o município: Cr\$ 420,00 para residências e Cr\$ 560,00 para estabelecimentos comerciais, pelo aluguel mensal de aparelhos.

14 — No bairro de Itoupava-Norte festeja-se o lançamento da pedra fundamental da sua igreja católica.

17 — Posta em vigor a portaria n.º 13, da Delegacia de Polícia, que proibe o estacionamento de veículos auto-motores no trecho da rua 15 de novembro, entre a alameda Rio Branco e a rua Dr. Amadeu Luz, a Câmara Municipal, entendendo-se a única competente para legislar sobre o assunto, empetra mandado de segurança contra a medida do delegado. O juiz da primeira vara determina a sustação provisória da portaria n.º 13 que se torna sem efeito pela concessão do mandado de segurança a 2 de maio.

19 — Transcorrendo o cinquentenário da Reforma do Ensino em Santa Catarina, realizada sob a gestão do governador Vidal Ramos e orientação do professor Orestes Guimarães, realizam-se comemorações na capital do Estado e neste município, onde o sr. Orestes Guimarães morou por vários anos, no exercício de suas funções de Inspetor das Escolas Subvencionadas. No Grupo Escolar Modelo Pedro II, realiza-se singela homenagem, com oração proferida pela professora Antônia Emília Alves Barraca.

— "Café-relógio" é denominado um lanche beneficente, oferecido pelas senhoras da nossa sociedade nas suas residências, onde os convidados pagam Cr\$ 100,00, renda que reverte ao fundo de aquisição e instalação do grande relógio para a monumental torre da nova matriz, com sua linda escadaria. Todas as camadas sociais tomam parte nesse círculo beneficente.

★ **"EDIÇÃO COMEMORATIVA"** — O nosso prezado conterrâneo, Ervino Tremel, de São Bento do Sul, teve a gentileza de ofertar-nos um exemplar da "Edição comemorativa ao 75.º Aniversário da Fundação de São Bento", que, em colaboração com Alda Möller e Irineu Zimmermann, editou por ocasião do jubileu de 1959. O trabalho, que veio enriquecer as nossas estantes, tem grande valor pelas muitas informações históricas e estatísticas de que estão repletas as suas páginas, bem impressas e fartamente ilustradas.

Agradecemos ao sr. Tremel o belo e valioso presente.

25 — Dia do Contabilista. É festejado pela classe com uma churrascada no Palmital, assumindo, na oportunidade, o sr. Acrísio Moreira da Costa a presidência da entidade. Entre diversos oradores, usa também da palavra o frei Odorico Durieux, um dos catedráticos da Escola Técnica de Comércio do Colégio Santo Antônio.

— Festeja-se, nesse dia, a passagem do centenário da paróquia de Gaspar, de que os "Cadernos" fizeram circunstanciado relato. A data foi adotada, oficialmente, como a da fundação da cidade e sede do município vizinho, antigo distrito de Blumenau. Das festividades, participaram altas autoridades, entre as quais o governador Celso Ramos e o nuncio apostólico, Dom Armando Lombardi, que sagrou dom Quirino Schmitz, novo bispo de Teófilo Ottoni, em cerimônia realizada no dia anterior. Dom Quirino é filho de Gaspar.

26 — Dom Armando Lombardi, nuncio apostólico no Brasil visita Blumenau e é recebido pela população local com grandes festejos que se constituem em verdadeira apoteose. Saúda o prelado o prefeito Hercílio Deeke, cujas palavras calam no espírito de todos. O discurso do Delegado do Vaticano, por sua vez, causou profunda impressão, pelo seu sentido de tolerância e mútua compreensão em relação às boas relações que sempre existiram nesta cidade, entre católicos e protestantes, dentro, aliás, do espírito do Chefe da igreja católica.

— À noite, no Teatro Carlos Gomes, Dom Armando é homenageado com um belo concerto sinfônico-vocal. S. Eminência dirige palavras de agradecimento e louvor ao maestro Heinz Geyer, aos coros e solistas. É o prelado saudado pelo jornalista Cássio Medeiros.

27 — Viaja para o Rio o prefeito Hercílio Deeke. Vai tratar com as autoridades do departa-

mento de Portos, Rios e Canais assuntos relativos à construção do muro de arrimo e canalização do ribeirão Bom Retiro, não tendo comparecido, durante várias semanas, ao seu programa radiofônico das quintas-feiras "Falando ao povo".

30 — Homenageada pela imprensa local a revma. Irmã Gotwaldis, superiora do Hospital Santa Isabel que, por determinações das regras de sua Congregação, deixa o cargo. Salienta-se o seu espírito de caridade e abnegação cristã, a sua dedicação ao nosocômio que dirigiu com rara competência. Substituiu-a, na direção do Hospital a revma. Irmã Osvalda.

8 — Falece o benquisto cidadão Clodoaldo Machado da Luz, aos 81 anos de idade, ex-funcionário da Cooperativa da Indústria Têxtil Companhia Hering. O extinto era casado com dona Elsa Hering, filha do falecido industrial e pintor Paulo Hering.

22 — Trágico acidente rouba a vida do sr. Heinz Darius, sócio-fundador do "Rápido Cometa", ultimamente prestando serviços na firma "Comas". Foi esmagado sob as rodas de possante caminhão. Deixa filhos menores e a viúva d. Odette Lobe Darius.

— Ocorrem vários casos de suicídio: a jovem sra. Rita Gebien, de 26 anos de idade, joga-se da ponte "Governador Adolfo Konder". Os motivos são de ordem sentimental. O sr. Oscar Dettmer, operário quarentão, morador no Bairro de Vila Nova, sofrendo de mal incurável, enforcou-se no sótão de sua casa. O cidadão Antônio Packer foi encontrado morto no quarto da pensão em que residia, no bairro da Velha, havendo suspeita de suicídio ou crime, nada se tendo até agora apurado no inquérito que foi aberto.

★

EM MAIO DE 1889, os bugres apareceram nas imediações da linha Colonial "São Pedrinho", próximo a Rodeio, onde, uma dezena de anos antes, haviam se instalado várias famílias de colonos tirolezes. Cerca de 40 desses lavradores italianos abandonaram as suas terras, dirigindo-se para Blumenau e, dali, para outros centros da província, com receio de que os indígenas concretizassem as constantes ameaças de ataques às respectivas moradas. Pouco depois, realmente, os selvagens atacaram a casa de um colono daquela localidade, matando e pilhando.

Banco Indústria e Comércio de Santa Catarina S.A.

Matriz : ITAJAÍ - Santa Catarina

CAPITAL E RESERVAS Cr\$ 750.000.000,00

DEPÓSITOS EM 30-6-61 Cr\$ 5.734.180.737,80

Agência em Brasília (DF)
Agências no Rio de Janeiro

Avenida W. 3, Quadra 7 B, Loja 3
Rua Visconde de Inhaúma, 134 Loja
Rua do Carmo, 66

Agências em São Paulo

Rua São Bento, 341
Rua Marconi, 45
Rua Florêncio de Abreu, 637
Av. Celso Garcia, 503
Rua Cincinato Pomponet, 187

Agência em Curitiba

Rua Monsenhor Celso, 50

Agência em Florianópolis

Praça 15 de Novembro, 9

Agências no Estado de Santa Catarina : Araranguá, Blumenau, Bom Retiro, Braço do Norte, Brusque, Caçador, Camboriú, Campos Novos, Capinzal, Canoinhas, Chapecó, Concórdia, Criciúma, Curitibanos, Estreito, Gaspar, Guarimirim, Ibirama, Imbituba, Indaial, Itaiópolis, Ituporanga, Jaraguá do Sul, Joaçaba, Joinville, Laguna, Lajes, Leão Mueller, Luiz Alves, Mafra, Orleães, Piratuba, Pôrto União, Rio do Sul, Rio Negrinho, Rodeio, Santo Amaro da Imperatriz, São Bento do Sul, São Carlos, São Francisco do Sul, São Miguel do Oeste, São Joaquim, Taió, Tangará, Tijucas, Timbó, Tubarão, Urussanga, Videira e Xanxerê.

Agências no Estado do Paraná : Cambará, Clevelândia, Lapa, Maringá, Palmas, Palmeira, Ponta Grossa, e São Mateus do Sul.

Agências no Estado de São Paulo: Botucatu, Campinas, Cruzeiro, Jaboticabal, Jacareí, Jaú, Lençóis Paulista, Lorena, Mogi das Cruzes, Mogi-Mirim, Paraguaçu Paulista, Pinhal, Piracicaba, Presidente Prudente, Santa Cruz do Rio Pardo, Santo André, Santos, Sertãozinho e Taubaté.

Agência no Estado do Rio de Janeiro: Barra Mansa.

Escritórios no Estado de Santa Catarina: Biguaçu, São José e Urubici.

Escritórios no Estado de São Paulo: Alfredo Guedes, Barrinha, Guararema, Guariba, Lutécia, Monte-Mor, Poá, Queluz, Rio das Pedras, Salesópolis, Sousas, Tremembé e Vila dos Lavradores.

Abra uma conta no INCO e pague com cheque !

A Jóia do Lar



PORCELANA
SCHMIDT
RIO DO TESTO
S. CATARINA

aparelhos para jantar,
chá
café
jogos para sobremesa
salada
artigos domésticos
de adorno
vasos